

## **POR FAVOR, NÃO ABANDONEM A DON MÁRIO FILHO.**

*Dr. HUGO R. LOVISOLO é Professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj*

A obra de Mário Filho, *O negro e o futebol no Brasil*, marcou profundamente o destino das ciências sociais nas interpretações sobre o esporte nacional preferido. Simplificando, podemos dizer que tivemos dois movimentos na produção das ciências sociais a partir de sua obra: o primeiro foi de reiteração da principal tese sobre o racismo no futebol e sua superação heróica pela participação do negro. Uma bela narrativa que lembra a tradição do conto popular, e também do mito, no enfrentamento e superação dos desafios até a consagração final. A narrativa, no entanto, demandou das ciências sociais a verificação de a) o vigor do racismo no futebol e b) a participação do Vasco na sua superação tendo como contexto o desenvolvimento do profissionalismo no futebol, que ganhou força a partir de 1920. O segundo movimento foi o da crítica às evidências apresentadas por Mário Filho, sobretudo, na obra de Antonio Jorge Soares que se tornou foco de debates, críticas e apoios. Em vários sentidos, a obra de Mário Filho cresceu em valor pela crítica de A. J. Soares. Alguns dos englobados ou engolfados, como apontou Soares, pela sua narrativa heróica e mítica tiveram que procurar novos argumentos e evidências. A obra de Mario Filho se tornou ainda mais atual e valiosa mesmo quando fosse vista como literatura.

Recentemente participei da banca de mestrado (PPGCS-UERJ) de João Paulo de Vieira Teixeira, orientado do Dr. Ronaldo Helal, **1923: Investigação sobre existência de racismo no noticiário esportivo carioca**. Dissertação que se caracteriza, como muito bem apontou o Doutor Edison Luis Gastaldo, membro da banca, pelo exaustivo trabalho de levantamento e o ponderado análise realizado do material. Se Soares trabalhou com o material jornalístico de 1924, Teixeira foi um ano para trás na procura



de visões diferentes em relação ao crescimento do profissionalismo. Teixeira não corroborou a hipótese de racismo nos jornais, mais ainda, conseguiu destacar matérias altamente elogiosas em relação a atletas negros.

Santos, Capraro e Lise, em artigo da Revista Movimento (vol.16, nº4, Out/dez 2010: 191-208) revisaram o material sobre a culpa atribuída aos jogadores negros em 1950 em diversas publicações e chegam à conclusão de que nas notícias da época no existem indícios de racismo no Brasil como os apontados por Mário Filho e, qualificam, seu discurso sobre o "recrudescimento do racismo" como tradição inventada.

Como sempre, o racismo brasileiro aparece como singular, pois, os preconceitos parecem se abraçar com os elogios e a idolatria dos excelentes jogadores negros que o Brasil continua a produzir. Este paradoxo, talvez mais aparente que real, merece ainda ser desvendado. O fato de que exista preconceito em uma sociedade de longa tradição escravocrata não deve surpreender a ninguém, pois isto deveria ser esperado. O verdadeiramente surpreendente é que um negro como Pelé se torne o Rei. A contradição é o problema e ela deveria aguçar as explicações.

Chamo a atenção para um fato fantástico. A partir do entendimento do Vasco como time que primeiro teria incorporado jogadores negros --afirmação falsa, pois já outros o teriam feito, especialmente o Bangu, como sempre se lembra-- derivou um sentimento e uma palavra de ordem: Vasco seria um fundamento da democracia e da luta contra o racismo e, se foi o primeiro ou não, deixa de ser importante. O que se converte em importante é a marca do pioneirismo na superação do racismo. O caso é que teríamos uma política boa, a ser compartilhada, a partir de um argumento sem evidências ou com evidências relativas. Teríamos que falar do efeito colateral benéfico de uma hipótese falsa? Parece que sim! Entretanto, o efeito benéfico opera no campo da



moral, outros podem dizer da política, e não no campo da relação lógica entre antecedente e conseqüente. Contudo, não me parece nada estranho que afirmações falsas sejam postas em jogo nas construções e tradições e condutas que valorizamos. Isto apenas indica que podemos criar aquilo que consideramos nosso fundamento e, também, nossos predecessores. Lembro, apenas para incitar a leitura, que Borges escreveu páginas brilhantes sobre a criação por Kafka de seus predecessores.

É muito interessante que a superação do racismo se tenha dado em um clube identificado com a comunidade portuguesa. Nada indica que os portugueses tivessem menos preconceitos que os nativos brasileiros. Na banca de Teixeria, Gastaldo salientou que certas manifestações contra os negros do Vasco, sobretudo das torcidas e na rua, poderiam ser entendidas como um racismo instrumental. Em outras palavras, como ataques a partir do uso oportunista dos preconceitos. Ou seja, quando se ia contra os negros era apenas para ferir, simbolicamente, aos portugueses que os introduziam no Clube a partir do emprego em seus negócios. Deveríamos formular a hipótese inversa: racista ou não, os portugueses colocavam os negros no Vasco por motivos não menos instrumentais: esses eram os jogadores que podiam favorecer o bom desempenho vascaíno. As duas hipóteses, a de Gastaldo e a que formulo a partir dela, levam a perguntar: do que falamos quando falamos do racismo?

Creio que para avançarmos na elucidação das questões do negro no futebol temos que refinar os argumentos. Deixem que apresente dois tipos ideais e quase purinhos, dado que tenho a repetida sensação de que passamos muito facilmente do campo do racismo ideológico ou de opiniões para o racismo organizativo e segregador que separa espaços de convívio, bares e locações e de uso banheiros e transportes. Creio que Soares, seguindo a Freire, refere-se ao segundo, assim como alguns de nós



pensamos que o campo da cultura popular, incluindo aqui o futebol, não é o melhor lugar para estudar o racismo, quer ideológico, quer organizador. De fato, temos poucas experiências bem sucedidas de racismo segregador no Brasil e temos, não duvidamos, um boa tradição de racismo ideológico. A tradição dos clubes inclui a segregação da famosa “bola preta” na votação para aceitar ou rejeitar um candidato. Um negro, um judeu, um pobre e até um opositor político pode levar a famosa bola. Teríamos que privilegiar os clubes para estudar o racismo contra os judeus no Brasil? Ou para falarmos da segregação dos pobres?

O racista ideológico é um sujeito bem especial. Como sempre se confronta com contra-exemplos para suas opiniões, deve operar introduzindo o excepcional. Assim, temos negros de alma branca e, também, brancos de alma negra, pelo bem que dançam ou jogam. O “sangue bom” pode estar encoberto por qualquer cor da pele. Mais ainda, o racista ideológico pode se apaixonar pela negra maravilhosa e, então, terá que inventar sua excepcionalidade. A racista ideológica pode casar com o judeu, ou ao contrário. Mais ainda, a paixão pela mulata leva a Noel Rosas a sentir saudade do tempo da escravidão, uma forma de ser racista, pois, nele, a poderia comprar, “se o dinheiro desse”.

O racista organizador cria a realidade pela segregação, torna a opinião prática e, então, separa negros e brancos nas escolas ou extermina judeus no campo de concentração. O segregador permite fumar maconha na sua fazenda porem, proíbe, terminantemente fumar tabaco nos seus limites. O racista ideológico não abandona o pragmatismo e, então, se o negro é bom, que entre na equipe. Depois de tudo, ele está cada dia mais branco! Ou, todos têm algum pé na cozinha! O racista ideológico está sempre ameaçado pela necessidade de abrandar seus preconceitos diante do



contraditório com suas crenças. A imputação de “excepcionalidade” reintroduz certa consistência, contudo, não conseguiria costurar solidamente a estrutura dos preconceitos. Assim, talvez sempre nos confrontamos com graus ou tipos de racismo.

As diferenças de intensidade do racismo ou da religiosidade levam a criar escalas. Pareceria que hoje estamos operando como se qualquer opinião levasse ao racismo. Uma coisa é ficar incomodado por ter um genro negro, mas igualmente “entregar” sua filha na Igreja e outra bem diferente é expulsar a filha da casa por namorar com ele. Creio que se não refinarmos os nossos indicadores sobre o racismo, seus tipos e graus, estaremos no risco de discutir infinitamente, pois nem sabemos qual é a discussão.

O racismo ideológico é uma forma de mapear o mundo, com todo, ele enfrenta as refutações da experiência. Após temos a experiência de um presidente trabalhador descobrimos que não foi nada ruim, após a de uma mulher presidenta poderemos descobrir que não é assim tão diferente de um presidente homem e, depois, poderemos chegar a ter um negro presidente ou uma negra presidenta. O racismo ideológico pode, então, ser modificado com argumentos e evidências. Propria considerar o racista ideológico como alguém errado em suas crenças, porém, que pode ser modificado.

Não creio que o mesmo ocorra com o racismo segregador porque ele pretende construir uma realidade que confirme suas crenças. Ele age para segregar, discriminar, criar práticas que corroborem suas crenças. O racismo organizador ou segregador deve ser desconstituído na prática, para isso, deve ficar sem poder de segregar. Aqui a punição se torna inevitável.



Tomo o acontecimento da casca de banana no jogo de Brasil e Escócia. O que está querendo dizer um torcedor que joga uma casca de banana no campo? Mas, será que quer dizer alguma coisa? Ou será que lhe pareceu divertido? Ou será que após comer a banana não sabia o que fazer com a cascada e a jogou no campo? Sob o ponto de vista genético, é bem possível que Neymar tenha tanto DNA partilhado com os macacos quanto ele, o lançador da casca e eu. Pessoalmente, a comunidade genética com Neymar e com os chimpanzés não me afeta, porém, eu não sei o que fazer com ela. Contudo, apesar do DNA em comum, Neymar é infinitamente superior a ele no jogo do futebol, se fosse ao contrário o jogador da casca estaria no campo. Mais ainda, se eu tivesse a habilidade de Neymar certamente não estaria aqui escrevendo. O racismo ideológico brasileiro parece-se e muito com o jogador de cascada de banana, talvez não saiba como pensa nem o que diz quando pensa. Já perdeu o poder de segregar de forma significativa. Apenas, então pode ser ideológico e manifestar suas opiniões com algum gesto. Porém, já perdeu o poder de fazer pratica real o preconceito.

Recebido: 18/08/2011

Aceito: 05/09/2011

